

Notandum, ano XXVI, 2023
CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

***DE BELLO GALLICO: SOCIEDADE E RELIGIOSIDADE GAULESA
NOS COMENTARII DE JÚLIO CÉSAR***

***DE BELLO GALLICO: GAULISH SOCIETY AND RELIGIOSITY IN
THE COMENTARII OF JULIUS CAESAR***

***DE BELLO GALLICO: SOCIEDAD Y RELIGIOSIDAD GALAS EN LOS
COMENTARII DE JULIO CESAR***

Pablo Gatt

Doutorando em História da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: gattpablo@gmail.com

Ludmila Noeme Santos Portela

Doutora em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: ludmilaportela@yahoo.com.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.vi61.65968>

Recebido em 23/11/2022

Aceito em 05/04/2023

Resumo

O presente artigo se debruça sobre a antiga região da Gália, que hoje compreende o território um pouco mais vasto que o atual domínio de França, uma vez que essa porção geográfica era habitada por povos célticos e constituiu uma importante província do Império Romano. Nesse sentido, nosso tempo-espaço se concentra durante o processo de pacificação efetuado por Júlio César (100-44 a.C.), e é em sua obra, *Comentários Sobre a Guerra Gálica* ou *De Bello Gallico*, que analisaremos a sociedade gaulesa em questão. Portanto, o foco desse estudo encontra-se na tentativa de esmiuçar algumas características culturais, políticas e religiosas dos gauleses, para além do estudo desse processo de pacificação. Nesse sentido, abordaremos em um primeiro momento a trajetória de Júlio César, para posteriormente estudarmos o processo de conquista e pacificação da Gália. Em seguida debateremos a respeito da cultura céltica perante a visão do mesmo, perpassando a estrutural social gaulesa, para ao final compreendermos a religiosidade céltica através dos escritos de Júlio César, especialmente por meio do Livro VI do *De Bello Gallico*.

Palavras-chave: *De Bello Gallico*. Júlio César. Gália.

Abstract

The present article focuses on the ancient region of Gaul, which today comprises a territory slightly larger than the present-day domain of France, since this geographical portion was inhabited by Celtic peoples and constituted an important province of the Roman Empire. In this sense, our time-space is concentrated during the pacification process carried out by Julius Caesar (100-44 B.C.), and it is in his work, *Commentaries on the Gallic War* or *De Bello Gallico*, that we will analyze the Gallic society in question. Therefore, the focus of this study lies in the attempt to scrutinize some cultural, political and religious characteristics of the Gauls, in addition to the study of this pacification process. In this sense, we will first approach the trajectory of Julius Caesar, and then study the process of conquest and pacification of Gaul. Then, we will discuss the Celtic culture from his point of view, going through the Gaul social structure, and finally we will understand the Celtic religiosity through Julius Caesar's writings, especially through Book VI of *De Bello Gallico*.

Keywords: *De Bello Gallico*. Julius Caesar. Gaul

Resumen

Este artículo se centra en la antigua región de la Galia, que hoy en día comprende un territorio algo mayor que el actual dominio de Francia, ya que esta porción geográfica estaba habitada por pueblos celtas y constituía una importante provincia del Imperio Romano. En este sentido, nuestro espacio-tiempo se concentra en el proceso de pacificación llevado a cabo por Julio César (100-44 a.C.), y es en su obra, *Comentarios a la Guerra de las Galias* o *De Bello Gallico*, donde analizaremos la sociedad gala en cuestión. Por lo tanto, el enfoque de este estudio radica en el intento de escudriñar algunas características culturales, políticas y religiosas de los galos, además del estudio de este proceso de pacificación. En este sentido, nos acercaremos en un primer momento a la trayectoria de Julio César, para estudiar después el proceso de conquista y pacificación de la Galia. A continuación, hablaremos de la cultura celta en su visión, pasando por la estructura social gala, y finalmente entenderemos la religiosidad celta a través de los escritos de Julio César, especialmente a través del Libro VI del *De Bello Gallico*.

Palabras clave: *De Bello Gallico*. Julio César. La Galia.

Introdução

A Gália foi um território de vasta expressividade econômica, política e cultural da Europa durante a Antiguidade e o Medievo. Entender sua cultura e costumes é de suma importância para a compreensão do processo histórico do qual fizeram parte e da realidade e pensamento do homem em seu tempo.

Para entendermos um pouco mais sobre a cultura gaulesa precisamos apreender primeiro quem foi Júlio César, pois é através de sua obra, *De Bello Gallico*, que podemos compreender um pouco mais dessa cultura. Ademais, Júlio César foi um personagem que

marcou seu tempo e a própria história romana, sendo oriundo de uma importante família aristocrática patrícia e membro do círculo letrado grego, visto que estudou filosofia e retórica. Sob a ótica de um general, nos deixou um valioso relato sobre a cultura celta, permitindo-nos conhecer um pouco mais sobre esses homens impregnados de mistério e separados de nós pela indelével marca do tempo.

Em vista disso, o artigo se divide em cinco tópicos. Em um primeiro momento discutiremos a trajetória política e militarmente de Júlio César. Em seguida analisaremos o processo de expansão romana e conquista da sociedade gaulesa sob a ótica do mesmo, para em seguida compreendemos a tradição cultural, política e religiosa desses povos, abordando temas como a visão sobre a alma, o sacrífico e o ritos funerários. Nesse sentido, o artigo em questão foca no Livro VI, do *De Bello Gallico*, no qual Júlio César descreve esses temas.

Os caminhos percorridos por Júlio César

Caio Júlio César nasceu em Roma, provavelmente no ano 100 a.C.¹, e consagrou-se como um importante homem de Estado, general e escritor (VARNEDA, 1996, p. 247). Oriundo de uma importante família aristocrática romana, sua origem mitológica remontava a *Iulius*², filho do Príncipe *Eneias* e neto da Deusa *Vênus*³. Entretanto, sua família não possuía grande riqueza econômica e, por esse motivo, nem seu avô nem seu pai haviam conseguido cargos políticos expressivos na República Romana.

Em sua juventude, César estudou retórica e filosofia na Grécia (CARPEAUX, s/d, p. 13). Destacou-se inicialmente na política como Pontífice em 73 a.C., chegando ao cargo de Sumo Pontífice em 63 a.C.⁴. Em 59 a.C. foi eleito Cônsul⁵ e, no ano seguinte, configurou-se o

¹ Sobre o conflito a respeito da data de nascimento de Júlio César, ver: CARCOPINO, 1968.

² *Iulus* é o nome latino de Ascânio, filho de Eneias. A lenda conta que após a morte de seu pai, *Iulus* teria reinado sobre os latinos sendo o responsável pela fundação de Alba Longa, a cidade-mãe de Roma (GRIMAL, 1997, p. 49).

³ A deusa *Vênus* é a caracterização latina da divindade grega conhecida como Afrodite, a deusa do amor. Nascida nas águas, Afrodite foi transportada até a costa de Chipre pelos Zéfiros onde foi acolhida e enfeitada pelas Horas (representantes das Estações) e conduzida para junto dos Imortais. Afrodite -*Vênus* era vista como protetora especial de Roma, sendo considerada a antepassada dos *lulii*, descendentes de *Iulus*. Por esse motivo César dedicou-lhe um templo, representativo da *Vênus-Mãe*, a *Venus Genitrix* (GRIMAL, 1997, p.10-11).

⁴ A congregação responsável pelos assuntos religiosos em Roma era conhecida como Colégios dos Pontífices. Composto por um número determinado de pontífices nomeados, pertencentes à elite patrícia, era chefiado pelo Sumo Pontífice, ou *pontifex maximus*, que interpretava os costumes e a tradição (AQUINO; FRANCO; LOPES, 1980, p. 230).

⁵ Do latim *consule*, o Cônsul representava o magistrado supremo da República romana. Entre suas funções, destacava-se como comandante do exército e era responsável por presidir os cultos públicos, além de ser investido do poder de convocar o Senado e indicar um representante para o cargo de Ditador em períodos de calamidade. Em número de dois, os cônsules eram eleitos anualmente pela Assembleia por Centúrias (AQUINO, FRANCO, LOPES, 1980, p. 230).

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Primeiro Triunvirato, um pacto informal entre Pompeu⁶, Crasso⁷ e César, em que cada uma das partes se comprometia a apoiar-se mutuamente para garantir seu poder no cenário político romano (VARNEDA, 1996, p. 247).

Ainda em 60 a.C., César recebeu poderes proconsulares na Gália, assumindo a administração das Gálias Cisalpina e Transalpina. Entretanto, não se contentou com a administração das terras gaulesas já romanizadas e partiu numa empreitada ofensiva para conquistar e pacificar toda a região ocupada por tribos celtas (CARPEAUX, s/d, p. 14). A obra *Comentários sobre a Guerra Gálica* narra as campanhas comandadas por ele para a conquista do território gaulês. É uma obra de caráter essencialmente militar e funcionou como propaganda política para legitimação da figura de César no cenário popular romano, além de contribuir para o fortalecimento de seu poder. Dessa forma, a obra reflete o propósito de seu autor, que possuía uma visão unilateral dos fatos e, por vezes, os deforma em sua interpretação.

Não obedecendo às ordens senatoriais, César decidiu invadir o território italiano e, em 49 a.C., atravessou com seu exército o Rubicão, riacho de fronteira que separava a Gália da Itália, dando início a uma luta civil interna. Suetônio atribuiu a ele, nesse momento, as palavras “A sorte está lançada!”⁸, (SUETÔNIO, p. 2007, p. 32) e César foi saudado nas cidades em que entrava como a um deus (CÍCERO, 1935, p. 9).

A República passou a ser palco de desmedidas e sangrentas lutas pelo poder. Instalou-se em Roma uma guerra civil de grandes proporções. César venceu as forças de Pompeu, que fugiu para a Grécia e, posteriormente, para o Egito, onde foi assassinado. Em 47 a.C., o líder romano partiu para o Egito, interferindo em uma estratégica disputa dinástica em favor de Cleópatra⁹. A rainha do Egito transformou-se em importante aliada política de César e acabou

⁶ Veterano de muitas campanhas militares, Pompeu (106 - 48 a.C.) se destacou no cenário político romano por suas vitórias como general na Sicília e na África. Oriundo de importante família patricia, era reconhecido por sua coragem e habilidade em guerra (DURANT, 1990, p.110).

⁷ Crasso (115 - 53 a.C) era um importante homem de negócios em Roma. Ocupou o consulado, ao lado de Pompeu, em 70 a.C. e 55 a.C. e possuía grande influência no Senado por conceder empréstimos vultosos aos senadores (MENDES, 1988, p. 67).

⁸ “*Alea jacta est!*”. Tradução nossa.

⁹ Cleópatra (70 -30 a.C), de origem macedônica, foi a última rainha egípcia da descendência de Ptolomeu, general que governou o Egito após o rei Alexandre III da Macedônia conquistar aquele território. Tornou-se conhecida por seu retumbante poder de sedução e sua ambição desmedida. Além de César, foi também amante de Marco Antônio, outro importante general e triúmviro romano (DURANT, 1990, p. 148).

por tomar-se também sua amante, relacionamento este que teve como fruto um filho, de nome Cesarião¹⁰.

César rumou ainda para o Oriente Médio, o norte da África e a Hispânia, desfazendo todos os focos de oposição ao seu governo. A hegemonia do poder político romano concentrou-se, assim, em suas mãos, assumindo o posto de Ditador Vitalício (AQUINO, FRANCO, LOPES, 1980, p. 230)¹¹. Várias reformas administrativas foram então levadas a cabo por César, tais como: aperfeiçoamento do governo das províncias; difusão da cultura romana por todo o território conquistado; reforma das instituições políticas; estímulo ao crescimento econômico; implantação do calendário Juliano.

César também buscou basear seu poder na popularidade, distribuindo terras a seus veteranos e aos pobres de Roma e das províncias, o que acalmou a agitação agrária por algum tempo. Causou, ainda, desconforto aos patrícios ao deixar chefes regionais da conquista da Gália entrarem para o Senado Romano, lado ao lado com os “civilizados” dirigentes de Roma (DURANT, 1990, p. 150-151).

Vítima de um conluio envolvendo seus próprios aliados, César foi assassinado em 44 a.C. por um grupo de Senadores patrícios preocupados em defender a República. Numa sessão do Senado na tarde de 14 de março, foi ferido mortalmente por Brutus e, na narrativa de Suetônio, teria mostrado surpresa diante de seu executor, proferindo, em grego, a frase “Também tu, meu filho?”¹², selando assim uma das maiores tragédias da História (SUETÔNIO, 2007, p. 82). Entretanto, o golpe desferido em favor da República mostrou-se tardio. As transformações ocorridas até então, muitas pelas mãos do próprio César, haviam suplantado a República Romana de forma irreversível. César foi, sem dúvida, um personagem histórico intenso. Sua vida foi marcada pela aventura, pela glória e pela tragédia, o que mantém sua memória viva e pulsante na historiografia.

¹⁰ Ptolomeu XV Caesar nasceu em 47 a.C. Conhecido como Cesarião (o pequeno César), o filho de Cleópatra e Júlio César teve sua paternidade reconhecida pelo pai, mas não foi nomeado seu herdeiro. Foi o último faraó da dinastia ptolemaica do Egito e morreu assassinado em 30 a.C, ainda jovem (DURANT, 1990, p. 150).

¹¹ O cargo de Ditador na República romana era efêmero, existindo apenas em períodos de grave crise interna ou externa. Este teria poder absoluto, durante seis meses, para pôr fim à situação de ameaça à ordem republicana. Em fevereiro de 44 a.C, César inovou a estrutura política ao ser declarado Ditador Vitalício Perpétuo, transformando uma situação de emergência em uma autocracia permanente, o que desagradou em muito à elite patricia que viu com indignação o poder escapar de suas mãos (GRANT, 1987, p. 212).

¹² “*Kai su teknon*”. Tradução nossa.

As empreitadas e a visão de Júlio César sobre os gauleses nos *Comentários sobre a Guerra da Gália*

Revelando seu caráter parcial, o *De Bello Gallico* descreve César como um homem corajoso e honrado, permeado de boas intenções em sua administração da Gália, que só moveu a guerra em resposta às provocações e ingratidão dos povos gauleses frente à sua bondade e ao poder de Roma. César deu pouca ênfase às derrotas de suas legiões, mas exagerou suas vitórias (FERRERO, s/d, p. 145). Isso sempre com a habilidade metódica não de um contador de histórias, mas de um narrador dos fatos, com um estilo (ou, mais acertadamente, com ausência do mesmo) lúcido, simples e rápido.

As guerras de conquista da Gália se iniciaram em 58 a.C. César marchou com suas legiões sobre a Gália, a Germânia e as Ilhas Britânicas. A conquista desses povos foi violenta e permeada de dificuldades. Algumas batalhas foram extremamente importantes, como a derrota dos helvéticos em 58 a.C., a confederação belga em 57 a.C. e os venécios em 56 a.C. O auge da guerra contra os povos celtas se deu quando Vercingetórix¹³, líder dos galos Avernos, comandou a sublevação de um expressivo número de homens de toda a Gália contra Roma. Diversas batalhas foram travadas entre o exército gaulês e o efetivo militar romano. Em Gergóvia, as legiões de César sofreram uma derrota parcial. Travou-se, então, a famosa batalha de Alésia (52 a.C.), no cume do monte Auxois. O efetivo militar de ambos os exércitos era impressionante, chegando os gauleses a superar em número as legiões romanas. Com uma tática militar que não deixa dúvidas a respeito de sua inteligência e capacidade de comando, César venceu os gauleses e, à Vercingetórix, restou apenas a rendição. Essa batalha selou a pacificação da Gália e a glória de César como comandante militar e líder político em Roma. César, até então visto no círculo romano como libertino, perdulário e inconsequente reformador ganhou fama como incansável administrador, além de astuto e corajoso general (DURANT, 1990, P. 140).

No contexto da intensa agitação militar e política em Roma, a obra *De Bello Gallico*, de Júlio César, constitui-se em um relato das lutas de conquista e pacificação de diversos povos gauleses que viviam espalhados pelos territórios das atuais Suíça, França, Bélgica e Inglaterra. De caráter essencialmente militar, a obra teve como objetivo principal popularizar e legitimar as virtudes de César como comandante, político e homem, aumentando seu

¹³ Vercingetórix (72-46 a.C.) foi o líder da maior sublevação gaulesa contra o poder romano. Conhecido como chefe da tribo dos Avernos, seguiu os passos de seu pai, que também havia tentado sem sucesso uma sublevação gaulesa contra Roma. Apesar de ter causado dificuldades às legiões de César, e de ter sido seguido por um exército bastante numeroso, acabou derrotado na guerra de conquista da Gália.

prestígio e honra nos círculos populares, de forma a expandir e fortalecer sua autoridade e poder (GONÇALVES, 2002, p. 18).

Os *commentarius* de César são compostos por oito livros. Com uma rapidez espantosa, a narrativa deve ter sido escrita em cerca de 2 meses. É consenso entre os historiadores clássicos, entretanto, que o último livro possui peculiaridades notáveis que o difere dos demais (SILVA, 2006, p. 12). Provavelmente, César aparece como autor deste último livro até o capítulo 48. A autoria dos demais capítulos é atribuída a Hircio (AMES, 2003, p. 63).

A primeira frase do livro de César, “A Gália está dividida em três partes”¹⁴ (IULIUS CAESAR, s/d, p. 17), reflete a objetividade que irá permear todo o material e nos dá margem para entender a importância das descrições geográficas e humanas da Gália feitas por César. De fato, a observação é legítima: as terras dos povos celtas eram ocupadas, ao norte, pelos belgas, ao centro, pelos gauleses propriamente ditos e, ao sul, pelos aquitâneos. A parte meridional da Gália havia sido romanizada desde o século III a.C., sendo denominada Gália Narbonense, que passou à administração proconsular de Júlio César em 60 a.C. (CARPEAUX, s/d, p. 14). Os povos gauleses ainda não subjugados pelo poder romano formavam a denominada Gália Cabeluda, que lutara contra as legiões romanas por sua liberdade e independência com ardor.

O conteúdo da obra de César não é algo puramente casual. Trata-se, sem dúvidas, de uma opção estratégica. Lançando mão de um instrumento poderoso sobre as consciências humanas, a pena, César reelaborou um modelo tradicional, fazendo-se ativo na defesa de seus mais profundos interesses (AMES, 2003, p. 76). Dessa forma, tem-se nos *Comentários sobre a Guerra Gálica* uma forma peculiar de se escrever a história, objetiva e pragmática, mas em nada enfadonha. Ao historiador atual, a obra de Júlio César traz algumas respostas, mas deixa muitas perguntas a serem respondidas, sendo o livro mais expressivo para o estudo da cultura gaulesa o Livro VI, em que César faz uma importante descrição dos costumes e práticas religiosas desses povos.

Exemplo dessa descrição é a visão de César sobre a cultura política desses povos. No Livro VI, César descreve os gauleses na medida em que os não possuíam congruência ou unidade política centralizada. Logo, cada tribo possuía chefes próprios e uma ramificação de poderes intrincada. O próprio César se preocupa em relatar a dispersão celta, não apenas em relação ao território e às separações tribais, mas mesmo em relação aos núcleos familiares:

¹⁴ “*Gallia est divisa in partes três*”. Tradução nossa.

Há na Gália facções, não só em cada cidade, cada aldeia, e cada parte desta, mas até, para bem dizer, em cada casa; e são cabeças destas facções os que se reputam entre eles ter o maior crédito, para que a direção de todos os negócios e resoluções se faça a seu arbítrio e juízo. Isto parece ter sido antigamente instituído, para que todo o homem do povo encontrasse proteção contra os poderosos, sendo que ninguém tolera serem os seus oprimidos e enganados, pois, se procedesse de outra forma, não teria crédito algum para os de sua clientela. Esta forma de administração é uma e única na Gália toda; porque não há nela uma só nação que não esteja dividida em dois partidos (IULIUS CAESAR, Livro VI, xi)¹⁵.

Esse desmembramento político pode ser visto como um dos motivos que possibilitaram a vitória de César sobre a Gália, uma vez que separados politicamente e militarmente, os exércitos militares gauleses não possuíam uma unidade de comando ou de tática militar bem estruturada e organizada, contrariamente ao caráter disciplinado e unificado das legiões romanas. Entretanto, com base em escavações arqueológicas, verificamos que o habitat e a vida em sociedade dos grupos celtas permitem a identificação de unidades e características comuns das diversas tribos espalhadas pelo território gaulês. No século V a.C., estas características eram, essencialmente, a mobilidade geográfica, a ruralidade e a presença de residências fortificadas (KRUTA, 1989, p. 73). Estas características provavelmente se mantiveram mesmo após as migrações célticas ocidentais, com exceção do nomadismo, que deu gradual lugar ao sedentarismo característico das povoações do século I a.C.

De acordo com os relatos de César, os principais líderes religiosos dos gauleses eram conhecidos como druidas, responsáveis também pelos assuntos de política pública, como o envolvimento em guerras (JONES; PENNICK, 1999, p. 133). Belicosos, tais povos estavam constantemente envolvidos em batalhas contra os jugos germânico e romano. Daí a importância também dos homens de guerra, representando esses dois gêneros, druidas e cavaleiros, os principais gêneros de homens da cultura gaulesa (JÚLIO CÉSAR, s/d, p. 120).

Dois são em toda a Gália os gêneros de homens, que são tidos em alguma conta e estimação. Pois a plebe, que nada ousa por si, e a nenhum conselho é admitida, quase é tida no lugar de escravos. Os mais dela, quando se vêm oprimidos, ou por dívida, ou pela grandeza dos tributos, ou pela prepotência dos poderosos, escravizam-se aos nobres, que exercem sobre eles os mesmos

¹⁵ *"In Gallia non solum in omnibus civitatibus atque in omnibus pagis partibusque, sed paene etiam in singulis domibus factiones sunt, earumque factionum principes sunt qui summam auctoritatem eorum iudicio habere existimantur, quorum ad arbitrium iudiciumque summa omnium rerum consiliorumque redeat. Itaque eius rei causa antiquitus institutum videtur, ne quis ex plebe contra potentiores auxili egeret: suos enim quisque opprimi et circumveniri non patitur, neque, aliter si faciat, ullam inter suos habet auctoritatem. Haec eadem ratio est in summa totius Galliae: namque omnes civitates in partes divisae sunt duas."* Tradução nossa.

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

direitos, que os senhores sobre os escravos. Mas destes dois gêneros um é o dos druidas, o outro, o dos cavaleiros (IULIUS CAESAR, Livro VI, xii)¹⁶.

A importância da separação dos homens da Gália em dois tipos importantes de homem, os druidas e os cavaleiros, além da categorização dos demais como pertencentes à “plebe” é característica marcante da visão que César lança sobre aqueles a quem visa conquistar. Deste modo, o cenário sociopolítico característico dos povos gauleses seria composto, na visão de César por duas ordens privilegiadas - os druidas e os cavaleiros e a presença de um terceiro estamento, composto basicamente por camponeses pouco abastados.

Essa tripartição social é comumente encontrada nas sociedades derivadas do ramo civilizacional indo-europeu antigo (ELIADE, 1979, p. 158), do qual as tribos celtas são consideradas herdeiras (KRUTA, 1989, p. 57). Entretanto, trata-se de uma sociedade sem Estado, em que os estamentos não se governam, mas refletem determinadas especialidades humanas fundamentais à manutenção da ordem social em questão.

Obedecendo à lógica de sua realidade, a tripartição social apresentada por César é também, como já afirmado, reflexo de sua própria realidade. Contudo, analisando a estrutura das sociedades gaulesas verifica-se que César não se equivocou quanto ao real funcionamento dessas sociedades. As ordens sociais apontadas por César, refletem as características essenciais desses povos - a religiosidade pagã e o militarismo. Estas sociedades eram dominadas pela necessidade da guerra, fonte de riqueza e poder, conseguidos através de saques, pilhagens e conquistas dos povos derrotados, e pela crença no sobrenatural, determinante fundamental, para eles, da prosperidade espiritual e material.

A tripartição social gaulesa apresentada por César - druidas, cavaleiros e camponeses - também pode ser considerada reflexo da projeção romana da sua realidade sobre a realidade do outro. Nesse sentido, pode-se verificar que a sociedade romana possuía em seu aspecto estrutural um cenário social equivalente, em que as três ordens representativas seriam a esfera religiosa, a militar e a dos homens comuns. Entretanto, nesse estudo nos debruçaremos apenas sobre os druidas e os cavaleiros a partir da visão de César, visto que essa repartição social contribui para entender a religião Celta.

¹⁶ *"In omni Gallia eorum hominum, qui aliquo sunt numero atque honore, genera sunt duo. Nam plebes paene servorum habetur loco, quae nihil audet per se, nullo adhibetur consilio. Plerique, cum aut aere alieno aut magnitudine tributorum aut iniuria potentiorum premuntur, sese in servitatem dicant nobilibus: in hos eadem omnia sunt iura, quae dominis in servos. Sed de his duobus generibus alterum est druidum, alterum equitum."*
Tradução nossa.

Os homens de religião: os druidas

A palavra druida tem como significado a expressão “muito sábio” (LAUNAY, 1978, p. 120). Eram, em essência, os mais expressivos líderes religiosos dos povos celtas, responsáveis por as cerimônias de culto, em especial os sacrifícios: “Aqueles (os druidas) entendem nas coisas sagradas, curam dos sacrifícios públicos e particulares, e explicam as doutrinas e cerimônias da religião” (IULIUS CAESAR, Livro VI, xiii)¹⁷. Além disso, suas atribuições também se impregnavam sobre a alçada política, uma vez que cabia a eles “decidir sobre quase todas as contestações, públicas e privadas” (CÉSAR, s/d, p. 120). Os druidas podem ser vistos como sacerdotes, cientistas e filósofos, pois no âmago de seus conhecimentos e práticas é que se encontrava o essencial da vida e do pensamento dessas tribos.

O ensino druídico não era necessariamente secreto, como se acredita comumente. Entretanto, era reservado aos alunos de suas escolas, espécies de seminários isolados, afastados da agitação mundana e frequentados, especialmente, pelos filhos de famílias abastadas e influentes (LAUNAY, 1978, p. 121): “(...) a eles (aos druidas) acode grande número de adolescentes com o fim de instruir-se, e esses são tidos em muita estimação” (IULIUS CAESAR, Livro VI, xili)¹⁸. Destarte, a ordem e a justiça eram também responsabilidade do círculo druídico:

Se se comete crime, ou perpetra morte, se se disputa sobre herança, ou limites, julgam e estabelecem recompensas e castigos; se algum particular ou povo recusa sujeitar-se à decisão, lançam lhe interdito na participação aos sacrifícios; o que é entre eles pena gravíssima. Os que assim incorrem no interdito, são tidos por ímpios e celerados, todos se apartam deles, fogem do seu acesso e conversação, para que não recebam dano com a comunicação, nem se lhes faz justiça, quando a solicitam, nem participam de honra alguma (IULIUS CAESAR, Livro VI, xiii)¹⁹.

É importante perceber que a ideia de pecado ou de moral não era conhecida entre os celtas. Um delito era, simplesmente, um malefício cometido contra um outro indivíduo, em

¹⁷ “*Illi rebus divinis intersunt, sacrificia publica ac privata procurant, religiones interpretantur.*” Tradução nossa.

¹⁸ “*Ad hos magnus adolescentium numerus disciplinae causa concurrit, magnoque hi sunt apud eos honore.*” Tradução nossa.

¹⁹ “*Nam fere de omnibus controversiis publicis privatisque constituunt, et, si quod est admissum facinus, si caedes facta, si de hereditate, de finibus controversia est, idem decernunt, praemia poenasque constituunt, si qui aut privatus aut populus eorum decreto non stetit, sacrificiis interdicunt. Haec poena apud eos est gravissima. Quibus ita est interdictum, hi numero impiorum ac sceleratorum habentur, his omnes decedunt, aditum sermonemque defugiunt, ne quid ex contagione incommodi accipiant, neque his petentibus ius redditur neque honos ullus communicatur.*” Tradução nossa.

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

que este último se reconhecia como prejudicado. Portanto, o crime era uma ação individual, que deveria ser cobrada ou reparada pelo próprio contra quem foi cometido. Não havia necessidade de regulamentação de leis. Cabia a todos reconhecer e respeitar o costume, que era guardado, repassado e proclamado pelo elemento druídico. Sendo admitido o direito à justiça pessoal, era comum e recorrente a ideia de vingança. Ainda assim, tem-se o recurso facultativo de se recorrer a um “juiz”, normalmente encamado em um aprendiz ou druida propriamente dito, que não possuía o status de funcionário do direito, mas de simples conselheiro (LAUNAY, 1978, p. 205).

Não havia, no cenário da justiça gaulesa a ideia carcerária de prisão ou de galés. O crime era compensado pelo perjúrio da vítima ao acusado ou por uma indenização dada aos parentes da vítima. Acreditava-se ainda, que os druidas possuíam poder mágico para determinar a verdade, estando, portanto, isentos de erro em seu juízo.

As diversas funções exercidas pelos druidas pautavam-se em hierarquias, sendo os vates conhecidos pela dedicação à sociologia, à história e às ciências naturais. Os *filid* relacionavam-se, sobretudo, às artes e à poesia, possuindo também alta consideração em dignidade. Apenas um druida possuía expressão suprema, sobrepondo-se aos outros, e este poderia tanto ser eleito pelo sufrágio druídico com ganhar o direito ao cargo pelas armas: “A todos estes druidas, porém, preside um que exerce a suprema autoridade. Morto este, ou lhe sucede o que sobressai em dignidade, ou se há muitos iguais na hierarquia, é eleito pelo sufrágio dos druidas: algumas vezes também disputam a preeminência pelas armas” (IULIUS CAESAR, Livro VI, xii)²⁰.

Os druidas também podem ser vistos como um dos princípios de unidade que possibilitava a existência de uma certa coesão entre as tribos. Através de reuniões regulares na região de Carnutos, considerada o principal centro da cultura celta, a administração druídica podia estender-se uniformemente sobre as regiões gaulesas, garantindo a perpetuação dos mais expressivos valores da vida e da organização celta (LAUNAY, 1978, p. 122). Sobre as reuniões anuais dos druidas relata César:

Estes, em certo tempo do ano juntam-se em lugar consagrado nas fronteiras dos Carnutos, que se reputam o centro de toda a Gália. Para aqui se dirigem todos os que têm pleitos, e sujeitam-se às suas decisões e sentenças. Supõe-se haver sido esta doutrina deparada na Bretanha, e dali transmitida à Gália;

²⁰ “*His autem omnibus druidibus praeest unus, qui summam inter eos habet auctoritatem. Hoc mortuo aut si qui ex reliquis excellit dignitate succedit, aut, si sunt plures pares, suffragio druidum, nonnumquam etiam armis de principatu contendunt.*” Tradução nossa.

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

e ainda agora os que desejam estudá-la fundamentalmente, lá vão às mais das vezes aprendê-la (IULIUS CAESAR, Livro VI, xiii)²¹.

Representando um contrapeso à atuação beligerante das classes militares celtas, os druidas não se envolviam em guerras e buscavam a pregoar a harmonia do corpo social.

Costumam os druidas abster-se da guerra, e não pagam os tributos a que estão sujeitos os mais gauleses; gozam da isenção da milícia e da imunidade de todos os encargos. Excitados por tais vantagens, muitos são os que os procuram para instruir-se na sua ciência, seja por livre vontade, seja mandado por seus pais e parentes (IULIUS CAESAR, Livro VI, xiv)²².

Entretanto, avessos ao subjugo de seu povo por estrangeiros, foram perseguidos e mortos pelos romanos de forma brutal, fato este que contribuiu para a extinção da doutrina religiosa apregoada pelos mesmos, ficando esquecidas na memória dos tempos muitas das estruturas místicas celtas. César também afirma que os druidas:

(...) aprendem aí grande número de versos (e alguns há que gastam vinte anos neste estudo); mas não se permitem escrevê-los, sendo que em tudo mais, ou se trate de negócio público, ou particular, usam de caracteres gregos. Parece-me que assim o instituíram por duas razões: primeira, evitarem que a sua doutrina se espalhe pelo vulgo; segunda, não deixarem os que a prendem, de cultivar a memória, fiados nos escritos; pois acontece ordinariamente, que com o socorro destes omitem muitos o cuidado de decorar, e o cultivo da memória (IULIUS CAESAR, Livro VI, xiv)²³.

De fato, uma característica marcante da religiosidade e cultura celta era a oralidade. Verifica-se, ao longo da história desses povos, a ausência de material escrito que permita uma análise mais profunda sobre os mesmos. Tal aspecto está ligado à importância da memória e da sua conservação, além da finalidade de garantir que os mistérios mágicos e seus poderes estivessem secretamente protegidos, o que garantiria sua eficácia. O druidismo e sua

²¹ "Hi certo anni tempore in finibus Camutum, quae regio totius Galliae media habetur, considunt in loco consecrato. Huc omnes undique, qui controversias habent, conveniunt eorumque decretis iudiciisque parent. Disciplina in Britannia reperta atque inde in Galliam translata esse existimatur, Et nunc, qui diligentius eam rem cognoscere volunt, plerumque illo discendi causa proficiscuntur." Tradução nossa.

²² "Druides a bello abesse consuerunt neque tributa una cum reliquis pendunt; militiae vacationem omniumque rerum habent immunitatem. Tantis excitati praemiis et sua sponte multi in disciplinam conveniunt et a parentibus propinquisque mittuntur." Tradução nossa.

²³ "Magnum ibi numerum versuum ediscere dicuntur. Itaque annos nonnulli vicenos in disciplina permanent. Neque fas esse existimant ea litteris mandare, cum in reliquis fere rebus, publicis privatisque rationibus Graecis litteris utantur. Id mihi duabus de causis instituísse videntur, quod neque in vulgum disciplinam efferri velint neque eos, qui discunt, litteris confisos minus memoriae studere: quod fere plerisque accidit, ut praesidio litterarum diligentiam in perdiscendo ac memoriam remittant." Tradução nossa.

reverência para com a palavra falada (JONES; PENNICK, 1999, p. 127) estava envolto em mistérios, mas é inegável que consistia em uma prática fundamental e singular para os assuntos da política e do cotidiano desses homens e da sociedade em que se inseriam.

Os homens de guerra: os cavaleiros

O outro gênero de homens identificado por César são os cavaleiros, que representam uma ampla parcela das sociedades celtas. Preparados para a guerra, os povos celtas viviam em um meio marcado pela disputa e pela violência. O poder desses homens advinha, em essência, da capacidade de reunir em torno de si servos camponeses e riquezas conseguidas através das gratificações recebidas pelas vitórias em guerras.

O outro gênero é o dos cavaleiros. Estes, quando é necessário, e ocorre alguma guerra (o que antes da chegada de César quase todos os anos costumava a suceder, ou para empreenderem correrias, ou para repelirem as dos vizinhos), vão todos à guerra, e como cada um mais sobressai em nobreza e haveres, tanto mais guarda-costas e clientes têm em torno de si. Nisto fazem consistir todo seu crédito e poder (IULIUS CAESAR, Livro VI, xv)²⁴.

Os chefes tribais eram reconhecidos em seu povoamento pela astúcia e coragem. Formavam um estamento privilegiado e enriquecido, venerado por suas famílias e pelos demais pertencentes ao seu território de domínio. Apesar da existência de relatos sobre mulheres gaulesas guerreiras, possivelmente a chefia tribal era uma característica atribuída unicamente ao masculino. O papel feminino era amplamente reconhecido entre os celtas e é fato que muitas mulheres pegavam em armas ou viviam para a guerra. Mas o número expressivo de mulheres com determinado poder social entre esses povos não era necessariamente no domínio da espada, e sim na alçada dos assuntos de religião.

Esta suposição pode ser considerada com base nos escritos de César, nos quais o autor deixa claro o papel de superioridade do homem, que tem direito de vida e morte sobre sua esposa. Além disso, em relação aos laços de consanguinidade, o pai é tido em conta como o mais importante membro do clã familiar, estando suas mulheres ameaçadas de sofrerem duras penas caso se suspeitasse de algum crime cometido pelas mesmas ao marido.

²⁴ “*Alterum genus est equitum. Hi, cum est usus atque aliquod bellum incidit (quod fere ante Caesaris adventum quotannis accidere solebat, uti autipsi iniurias inferrent aut illatas propulsarent), omnes in bello versantur, atque eorum ut quisque est genere copiisque amplissimus, ita plurimos circum se ambactos clientesque habet. Hanc unam gratiam potentiamque noverunt.*” Tradução nossa.

Os homens têm, na qualidade de maridos, direito de vida e morte sobre suas mulheres, assim como na de pais, sobre seus filhos; quando morre algum pai de família de ilustre linhagem, reúnem-se os parentes do morto, e se há suspeita sobre a morte, põem as suas mulheres a tormento de escravos, e se se descobre que existe crime, fazem-nas perecer pelo fogo com todo gênero de torturas (IULIUS CAESAR, Livro VI, xix)²⁵.

Vê-se, portanto, que a sociedade gaulesa era regida sumariamente, nos assuntos de cotidiano e justiça, pelos homens, sendo esse traço é reforçado pelo militarismo ativo dessas tribos que tinham a guerra como necessidade de sobrevivência. Do mesmo modo, todos esses elementos estão intrinsicamente ligados à religião Celta, o paganismo, que veremos agora.

A religiosidade Celta no *De Bello Gallico*

Nas sociedades celtas era comum a veneração aos elementos da natureza, muitas vezes caracterizados como a materialização da própria divindade, tais quais o sol, a lua a terra (JONES; PENNICK, 1999, p. 19). Esse elemento de teofania é representativo de uma sociedade agrária, em que esses elementos eram fundamentais para a sobrevivência dos indivíduos, garantindo a fertilidade dos solos, a boa colheita e o sucesso material.

O paganismo Celta, assim como qualquer paganismo da Antiguidade, estava impregnado de misticismo e magia. Buscava-se garantir a prosperidade e a paz, através de rituais e sacrifícios que ligassem o homem aos deuses, de forma que estes satisfizessem as vontades e necessidades daqueles. Em seus relatos, César afirma que, ainda em seu tempo, a prática de sacrifícios humanos não havia desaparecido na Gália, destacando:

Toda a nação dos gauleses é mui dada a superstições e por isso os que são acometidos de enfermidades graves, andam nas batalhas, e correm perigo, ou imolam vítimas humanas ou prometem imolá-las; pois, a não se dar vida de homem por vida de homem, não julgam placável o poder dos deuses imortais; e instituem sacrifícios públicos deste gênero (IULIUS CAESAR, Livro VI, xvi)²⁶.

²⁵ “*Viri in uxores, sicuti in liberos, vitae necisque habent potestatem; et cum paterfamiliae illustriore loco natus decessit, eius propinqui conveniunt et, de morte si res in suspitionem venit, de uxoribus in servilem modum quaestionem habent et, si compertum est, igni atque omnibus tormentis excruciatas interficiunt.*” Tradução nossa.

²⁶ “*Natio est omnis Gallorum admodum dedita religionibus, atque ob eam causam, qui sunt adfecti gravioribus morbis quique in proelis periculisque versantur, aut pro victimis homines immolant aut se immolatos vovent administrisque ad ea sacrificia druidibus utuntur, quod, pro vita hominis nisi hominis vita reddatur, non posse deorum immortalium numen placari arbitrantur, publiceque eiusdem generis habent instituta sacrificia.*” Tradução nossa.

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

O sacrifício tinha três motivações distintas. Quando era oferecido o dom humano em contrapartida ao dom divino, a vítima, voluntária, recebia as mesmas honras e dignidades de um guerreiro que havia morrido na defesa de seu sangue. Em se tratando de criminosos ou prisioneiros de guerra, o sacrifício tinha o intento da purificação, e representava o expurgo de todas as manchas da tribo. Por último, o rito do sacrifício poderia ter o objetivo de aplacar a ira dos deuses, sacrificando-se uma vida em troca de outra. São exatamente dessas três tipologias que nos fala César, relatando ainda uma possível cerimônia de cremação humana como oferenda aos deuses:

Alguns há que formam simulacros de descomunal grandeza, cujos membros tecidos com vime enchem de homens vivos, e aos quais lançado fogo, expiram homens abrasados pelas chamas. Reputam mais agradáveis à divindade os sacrifícios dos que são surpreendidos em furto, roubo, ou algum delito, mas, na falta destes, descem também aos sacrifícios dos inocentes (IULIUS CAESAR, Livro VI, xvi)²⁷.

O autor assombra-se e repudia tal prática. No tempo de César, a sociedade romana já havia sofrido alterações dramáticas no campo das relações entre os homens e o cosmos. A partir da influência de filósofos gregos e dos cultos moralistas do oriente próximo, o antigo costume dos sacrifícios humanos lhes parecia retrógrado e repugnante.

Os sacrifícios humanos são, entretanto, pouco relatados na cultura celta. Não há dúvidas de que existiram, mas o mais comum era que as vítimas fossem animais que tivessem representação direta com o deus com o qual pretendia-se estabelecer comunicação. Na época da colheita do agárico, por exemplo, era comum que os druidas sacrificassem dois touros brancos, numa festa conhecida como festa do deus-touro (LAUNAY, 1978, p. 131). Todavia, este é um simbolismo representativo da complexidade e particularidade cultural gaulesa. O rito, nas religiões antigas, não obedece à lógica de expansão da alma. Era, na verdade, a apresentação de uma técnica utilizada com o objetivo de se alcançar um fim prático. A prece não existia e a união com o cosmos era percebida em todos os atos da vida, submetendo-se o homem às forças naturais sem discussão ou recurso (LAUNAY, 1978, p. 124).

César nos informa sobre a crença mágica e espiritualista, difundida entre os celtas, da imortalidade da alma e sua reencarnação mundana. Além disso, os estudos esotéricos e

²⁷ “*Alii immani magnitudine simulacra habent, quorum contextaviminibus membra vivis hominibus complent; quibus succensis circumventi flamma exanimantur homines. Supplicia eorum qui in furto aut in latrocinio aut aliqua noxia sint comprehensi gratiora dis immortalibus esse arbitrantur; sed, cum eius generis copia defecit, etiam ad innocentium supplicia descendunt.*” Tradução nossa.

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

astronômicos eram tidos em grande conta, revelando a preocupação celta em procurar entender o além, ou o outro mundo, e a infinitude.

Fazem sobretudo acreditar que as almas não perecem, mas passam, depois da morte, de uns para outros corpos, e com isso julgam incitar-se principalmente ao valor, desprezando o medo da morte. Discorrem também muito sobre os astros e seu movimento, sobre a grandeza do mundo e da terra, sobre a natureza das coisas, sobre a força e o poder dos deuses imortais e transmitem os discursos à mocidade (IULIUS CAESAR, Livro VI, xiv)²⁸.

Por sua vez, e expressando parte da crença mágica gaulesa, os ritos funerários celtas eram intensamente teatralizados e tinham o objetivo de garantir a passagem da alma do morto para o outro mundo, onde sua vida continuaria a existir de forma similar a sua vida terrena, mantendo-se a estrutura social à qual o indivíduo pertencia, e excetuando-se apenas os caracteres negativos de sua existência. Dessa forma, um chefe guerreiro ainda seria um chefe guerreiro após sua morte, e um camponês não teria outra função senão a de camponês (LARES, 2004, p. 90). César nos informa que os funerais gauleses eram feitos em conjunto com os pertences do morto, o que contribui ainda com a interpretação de que estes funcionariam como "ritos de passagem" que garantiriam a manutenção da vida pós-morte tal qual ela era estruturada em vida.

Os funerais dos Gauleses são proporcionalmente a seu estado de cultura magníficos e suntuosos; todos os objetos, que amaram em vida, compreendidos os animais, são-lhes lançados na fogueira; e pouco antes deste tempo os escravos e clientes, que constava lhes haverem sido caros, eram igualmente queimados nos funerais (IULIUS CAESAR, Livro VI, xix)²⁹.

O rito de funerário mais comum entre os gauleses era o de cremação. Existiam, entretanto, outros tipos de ritos, geralmente legados a indivíduos especiais (como chefes tribais), ou a mortes consideradas indignas ou anormais (como assassinato, suicídio, sacrifício) ou àqueles que possuíam um modo de vida considerado inadequado, (como

²⁸ *"In primis hoc volunt persuadere, non interire animas, sed ab alis post mortem transire ad alios, atque hoc maxime ad virtutem excitari putant metu mortis neglecto. Multa praeterea de sideribus atque eorum motu, de mundi ac terrarum magnitudine, de rerum natura, de deorum immortaliumvi ac potestate disputant et iuventuti tradunt."* Tradução nossa.

²⁹ *"Funera sunt pro cultu Gallorum magnifica et sumptuosa; omniaque quae vivis cordi fuisse arbitrantur in ignem inferunt, etiam animalia, ac paulo supra hanc memoriam servi et clientes, quos ab eis dilectos esse constabat, iustis funeribus confectis una cremabantur."* Tradução nossa.

assassinos, feiticeiros maléficos, marginalizados). Entre esses diversos ritos merecem destaque a inumação e o sepultamento em poços (LARES, 2004, p. 89).

Os santuários, locais de cultos e ritos dos povos celtas, eram geralmente bosques e sítios naturais. Diferenciando-se dos romanos, que construía templos em pedra dedicados aos deuses ou a um deus específico, os lugares sagrados gauleses eram demarcados de forma natural, compreendendo bosques, riachos ou carvalhos. As construções em pedra não se relacionavam a templos cobertos, mas a estatuetas invocativas e mágicas que possuíam representatividade sagrada.

A existência do bosque sagrado era bastante generalizada no por todo o território gaulês. Eram lugares de reunião dos druidas e de deposição de oferendas aos deuses. Ainda mais que os lagos e rios, os bosques eram locais de presença divina e os troncos de árvores neles encontrados eram esculpidos de forma a representar deuses. A crença celta atribuía aos bosques ainda a capacidade de repelir o ataque estrangeiro, motivo pelo qual as legiões de César buscaram destruir com afã os locais sagrados gauleses que encontraram pelo caminho, causando lamento, frustração e terror aos povos conquistados (LAUNAY, 1978, p. 138-142).

As árvores, em especial o carvalho, eram também consideradas elementos sagrados, dotados de poder mágico. Esses locais eram geralmente depósitos de objetos sagrados e de doações e, ainda que possuíssem algum valor, era vedada a retirada de qualquer material depositado em locais sagrados sob a pena de tortura.

É de ver em muitos lugares montões destes objetos acumulados em lugares consagrados; e quase nunca acontece que, desprezando a religião, ouse alguém ou esconder em si o que tomou, ou tirar o que foi depositado, sendo que gravíssimo suplício com torturas está reservado a este crime (IULIUS CAESAR, Livro VI, xvii)³⁰.

Sendo politeístas e intensos reconhecedores das divindades femininas, e pertencendo ao largo grupo pagão da antiguidade, os deuses gauleses eram, em grande parte, representativos das forças naturais, sendo o panteão de adoração amplo e não homogêneo, derivado do contato com diversos grupos culturais da Europa pagã. Veneradores do aspecto da fertilidade e do poder de procriação, os celtas sentiam um profundo reconhecimento pelo

³⁰ “*Multis in civitatibus harum rerum exstructos tumulos locis consecratis conspicari licet; neque saepe accidit, ut neglecta quispiam religione aut capta apud se occultare aut posita tollere auderet, gravissimumque ei rei supplicium cum cruciatu constitutum est.*” Tradução nossa.

aspecto feminino, chamado *A Deusa*, juntamente com ou, em muitos casos, ao invés do princípio masculino (JONES; PENNICK, 1999, p. 127-129).

As divindades celtas são apresentadas por César em grau decrescente de importância, observando-se suas funções. Seriam eles: Mercúrio, ligado às artes, ao dinheiro e ao comércio; Apolo, protetor contra as doenças; Marte, que preside a guerra; Júpiter, imperador dos céus e Minerva, transmissora dos princípios dos artefatos (CÉSAR, s/d, p. 122).

Adoram principalmente ao Deus Mercúrio. Muitos são os simulacros, que dele possuem: consideram-no como o inventor de todas as artes, o guia dos caminhos e jornadas, o maior protetor no ganho de dinheiro e no comércio. Veneram depois dele a Apolo, Marte, Júpiter, Minerva. Destes tem quase a mesma opinião, que as mais nações: isto é, que Apolo expele as doenças, Minerva transmite os princípios dos artefatos, Júpiter tem o império dos céus, Marte preside à guerra (IULIUS CAESAR, Livro VI, xvii)³¹.

Esta categorização está em muito ligada à hierarquia pagã clássica, de orientação greco-romana. As tribos celtas não obedeciam a uma unidade de hierarquização ou caracterização funcional das divindades. É possível que a única deidade celta de conhecimento e obediência intertribal seja *Lugh*, também conhecido em muitas partes da Gália como *Cernunnos*, o mais alto ocupante da hierarquia sagrada e governador do mundo celeste. Provavelmente, os deuses citados por César somente apareceram no panteão gaulês após o início das dominações romanas e seus nomes foram atribuídos a deidades equivalentes em sua cultura anterior.

Muitas divindades gaulesas eram representadas por trindades. É comum encontrar exemplares de deuses de três cabeças, ou três rostos ao redor de uma cabeça. Algumas deusas femininas eram também representadas em tríades. O real sentido dessas trindades não chegou até nós. Sendo também encontradas no panteão romano, as tríades podem indicar um certo refinamento e complexidade espiritual (LAUNAY, 1978, p. 110). De fato, a representação tríade parece indicar não a união de três seres sobrenaturais distintos, mas sim a expressão máxima do poder de um deus ou deusa. Destarte, o número três era também sagrado e auspicioso em todas as culturas derivadas do ramo indo-europeu antigo (POWEL, 1965, p. 128).

³¹ “*Deum maxime Mercurium colunt. Huius sunt plurima simulacra: hunc omnium inventorem artium ferunt, hunc viarum atque itinerum ducem, hunc ad quaestus pecuniae mercaturasque habere vim maximam arbitrantur. Post hunc Apollinem et Martem et Iovem et Minervam. [2] De his eandem fere, quam reliquae gentes, habent opinionem: Apollinem morbos depellere, Minervam operum atque artificiorum initia tradere, Iovem imperium caelestium tenere, Martem bella regere.*” Tradução nossa.

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Os deuses animais são bastante representativos da visão celta acerca da Criação. Diferentemente do pensamento ocidental cristão, que considera a Criação em duas esferas distintas de importância, sendo a do homem, feita à imagem de Deus, superior à do restante da natureza, a crença gaulesa pautava-se na ideia de uma Criação una. Não viam nenhuma dificuldade em aliar homens e animais em uma única esfera de existência, sem hierarquização. Daí a importante expressão dos deuses animais que, fossem a encarnação real do sagrado ou a representação simbólica do mesmo, identificavam inúmeras divindades veneradas em todo o território da Gália (LAUNAY, 1978, p. 111). Uma das expressões do aspecto zoomórfico da religiosidade celta é *Badb Catha*, o “Corvo da Batalha”, que representa mais um conceito de metamorfose do que um conceito de transposição de caráter divino a um animal (POWEL, 1965, p. 126).

No panteão celta, os deuses são por vezes suscetíveis à morte e à procriação com humanos. Na verdade, nenhuma distinção formal entre o mundo visível e invisível, entre o real e o sobrenatural, pode ser aferida dentro da crença gaulesa. Todas as narrativas mitológicas são consideradas naturais, reais e normais (LAUNAY, 1978, p. 114).

César afirma que os gauleses se consideravam descendentes de *Dite*, deus representativos da noite, e por isso seu calendário era regido pela contagem noturna, e não diurna. Afirma, também, que os jovens eram incitados a não aparecer em público com seus pais, até a idade em que fossem capazes de se apresentar para a guerra. Expressando uma característica comum aos romanos, de atribuir a ascendência de suas famílias aos deuses, o general incorpora também aos celtas a crença na ascendência sagrada, e corrobora, mais uma vez, a importância dos assuntos de guerra entre as tribos celtas.

Todos os Gauleses se apregoam descendentes de Dite, segundo lhes é transmitido pelos druidas. Por isso calculam a divisão do tempo, não pelo número dos dias, mas pelo das noites e contam-se os dias natalícios, e os princípios de meses e anos de modo que o dia vem sempre depois da noite. Nos mais usos da vida quase que só diferem dos outros povos em não consentir que seus filhos se aproximem deles em público, senão quando têm crescido a ponto de poder suportar o encargo da milícia, pois reputam indecoroso que o filho de idade pueril esteja em público na presença do pai (IULIUS CAESAR, Livro VI, xviii)³².

³² “*Galli se omnes ab Dite patre prognatos praedicant idque ab druidibus proditum dicunt. Ob eam causam spatia omnis temporis non numero dierum sed noctium finiunt; dies natales et mensum et annorum initia sic observant ut noctem dies subsequatur. In reliquis vitae institutis hoc fere ab reliquis differunt, quod suos liberos, nisi cum adoleverunt, ut munus militiae sustinere possint, palam ad se adire non patiuntur filiumque puerili aetate in publico in conspectu patris adsistere turpe ducunt.*” Tradução nossa.

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Para os gregos e romanos, os celtas eram povos rudes e violentos. De fato, esses povos aparecem na historiografia atual como beligerantes e avessos à cultura escrita. No entanto, sua categorização como povos culturalmente primitivos pode ser contestada com vistas ao meio histórico-social ao qual pertenciam, marcado pelas disputas territoriais e expansionistas e pelas guerras intestinas que corroíam todo o território europeu, norte-africano e asiático nesse período. Os povos celtas foram historicamente povos beligerantes não por uma natureza violenta e sanguinária, mas porque sua permanência dependia das migrações territoriais impostas pelas circunstâncias econômicas e disputas que corroíam os estados e agrupamentos civilizacionais ao seu redor.

É fundamental entender as parcialidades e intencionalidades presentes na obra de César e no próprio jugo romano sobre os povos ditos bárbaros. O olhar romano é, sobretudo, um olhar pré-concebido, construído a partir de uma perspectiva unilateral. É o olhar de quem julga, não de quem analisa, aceitável para o homem dentro de sua realidade e perspectiva contemporânea, mas impróprio para o historiador. Dessa forma, é possível verificar que o militarismo gaulês se fez em razão da necessidade de expansão geográfica e defesa, na busca por uma segurança que, tal qual aos romanos, permitiu a estes povos sobreviver por tanto tempo num cenário de conflito generalizado.

Assim, a ótica de barbárie e primitivismo defendida por César é representativa da transposição de valores de uma sociedade para outra, com um grau de complexidade extremamente diverso, mas não inferior. As sociedades celtas devem ser analisadas em seu contexto próprio, de acordo com seus valores, crenças e estruturas mentais particulares. Sua cultura possuía uma riqueza expressiva que foi capaz de enraizar-se e perpetuar-se, chegando ao mundo medieval com relativa autonomia e força.

Considerações finais

Em sua descrição do mundo gaulês, Júlio César utilizou-se de sua realidade e valores para descrever e qualificar a realidade do outro. Os aspectos fundamentais de seu tempo influenciaram sua forma de agir e pensar, tomando-a inseparável de sua compreensão a respeito das diferenças.

O objetivo final de César ao publicar *Comentários sobre a guerra Gálica* - a propaganda pessoal - deve ser levado em conta ao longo da leitura de toda a obra, para que fiquem claros ao leitor mais aguçado os métodos dos quais o autor se valeu para alcançar seu intento. De fato, César obteve sucesso em sua busca pelo poder e prestígio. Não só seu

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

reconhecimento como político, escritor e homem de estado deve ser reconhecido, como também sua iniciativa de descrever características fundamentais de povos importantes em seu período histórico.

Apreender e compreender a estrutura funcional da cultura dos gauleses toma possível inferir, na obra de César, as verdades e dissonâncias referentes a essa sociedade. A invasão romana da Gália não causou a ruptura ou o desaparecimento dos traços culturais celtas. Ao contrário, provocou o enriquecimento recíproco destas civilizações transformadas, mescladas, matizadas ao longo do tempo e amalgamadas uma à outra.

Em muito deve ser aprofundado o estudo sobre as sociedades gaulesas. Entretanto, sua tradição cultural fundamentalmente baseada na oralidade não permite ao historiador atual um trabalho completo partindo-se apenas da utilização de fontes escritas. A pesquisa arqueológica tem sido, na contemporaneidade, grande aliada dos historiadores interessados na análise do mundo celta.

Referências

Fontes

CICERO. Ad Atticum. In: WATTS, B.A. (ed. e trad.). *The Speeches, Pro Archia Poeta, Post Reditum in Senatu, Post Reditum ad Quirites, De Domo Sua, De Haruspicum Responsis, Pro Plancio*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1935, 2a ed.: Loeb Classical Library.

IULIUS CAESAR. **Comentarii De Bello Gallico**. Livro VI. s/d.

JÚLIO CÉSAR. **Comentários Sobre a Guerra Gálica**. Trad.: Francisco Sotero dos Reis. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

SUETÔNIO. Diuus Iulius. In: MENDONÇA, Antônio da Silveira; FONSECA, Ísis Borges. **Vidas de César**. Português/Latim/Grego. Rio de Janeiro: Estação Liberdade, 2007.

Bibliografia

AMES, C. Los comentarios del Señor Julio César. La escritura de la historia como práctica política. **Ordia Prima**, Vol. 2. p.55-78. 2003.

AQUINO, Rubim Santos Leão de; FRANCO, Denise de Azevedo; LOPES, Oscar G. P.C. **História das sociedades**: das comunidades primitivas às sociedades medievais. Unidade II: A Fortuna Lhes Concedeu o Domínio do Mundo: a sociedade romana. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico/SA, 1980.

CARCOPINO, Jérôme. **Júlio César**. Portugal: Publicações Europa-América, 1968.

CARPEAUX, Otto Maria. César e Seu Livro. In: Júlio César. **Comentários sobre a Guerra Gálica (De Bello Gallico)**; Trad.: Francisco Sotero dos Reis. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

DURANT, Will. **A História da Civilização, III: César e Cristo**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1990.

ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Ideias Religiosas**. Vol. I: Das Religiões da China Antiga á Síntese Hinduísta, Tomo II: De Gautama Buda ao Triunfo do Cristianismo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

FERRERO, Guglielmo. **Grandeza e decadência de Roma - Segundo Volume: Júlio César**. Rio de Janeiro: Globo, s/d.

GRANT, Michel. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1987.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

JONES, Prudence; PENNICK, Nigel. **História da Europa Pagã**. Portugal: Publicações Europa-América, 1999.

KRUTA, Venceslas. **Os Celtas**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LARES, Vítor Soares. A imortalidade da alma: O “Outro Mundo” céltico, Mito e Rito Funerário. **Revista Brathair**, 4 (2), 2004.

LAUNAY, Oliver. **A Civilização dos Celtas**. Rio de Janeiro: Editions Ferni, 1978.

MENDES, Norma M. **Roma republicana**. São Paulo: Ática, 1988.

POWEL, T. G. E. **Os Celtas**. Lisboa: Editorial Verbo, 1965

SILVA, Paulo Roberto Souza. **A figura de César, autor e personagem, nos Comentarii De Bello Gallico**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

VARNEDA, Pierre Villalba. **Roma: A Través Dels Historiadors Clàssics**. Bellaterra: Servei de Publicacions, 1996.